

Contribuições para uma biografia de Sousândrade —

III. As filhas do poeta

Carlos Torres-Marchal

Resumo:

A vida e sorte de duas filhas de Sousândrade são consideradas. Maria Bárbara, filha do poeta e de sua esposa, foi educada num colégio católico em Nova Iorque. Valentina (ou *Vanna*), sua meia-irmã mais velha, filha de uma escrava, também viajou aos Estados Unidos com Maria Bárbara e o pai de ambas, aparentemente no papel de aia da sua irmã. Apesar do seu menor status social, Valentina provavelmente recebeu alguma educação formal nos Estados Unidos, já que, ao voltar dos Estados Unidos, ela foi professora e diretora no *Collegio de Industria*, fundado por Maria Bárbara em São Luís. Alguns anos depois, Maria Bárbara, sua mãe (já separada de Sousândrade) e Valentina viajaram para Santos, onde fundaram outra escola. Vanna e Mariana faleceram em Santos, em 1902 e 1907, respectivamente. Em 1937, Maria Bárbara morava no Rio de Janeiro, sua última residência conhecida.

Abstract:

The lives and fortunes of two daughters of Brazilian poet Sousândrade are discussed. Maria Bárbara, the daughter of Sousândrade and his wife Mariana de Almeida e Silva, was educated in a private Catholic school in New York. Her older half-sister, Valentina, was the daughter of a black slave. She also travelled with Maria Bárbara and Sousândrade to New York, and is mentioned in Sousândrade's *O Guesa* as a nanny or a maid to her younger sister. While maintaining an inferior social status, Valentina probably received some formal education in the United States. After returning to Brazil Valentina (*Vanna* as she was affectionately called) became a teacher and co-director at the *Collegio de Industria* school founded by her half-sister Maria Bárbara in São Luís (Maranhão). A few years later Maria Bárbara, her mother (who was estranged from her husband), and Vanna, left São Luís for São Paulo, where they founded another school. Vanna and Mariana both died in Santos, in 1902 and 1907,

respectively. In 1937 Maria Bárbara was still living in Rio de Janeiro, her last known place of residence.

Introdução

Maria Bárbara foi a única filha de Sousândrade e sua esposa, Mariana de Almeida e Silva. O acompanhamento da educação de Maria Bárbara numa escola católica de Nova Iorque é apontada como o motivo para a viagem do poeta aos Estados Unidos.^{1,2,3} A existência de outras filhas de Sousândrade tem sido objeto de especulação, baseada em testemunhos, não comprovados documentalmente, de contemporâneos do poeta e de interpretações biográficas da sua obra.

Em 1976, Frederick Williams apresentou informações sobre uma filha de Sousândrade, cuja existência permanecia até então inédita na biografia do poeta.⁴ D. Ada Valente de Carvalho, entrevistada por Williams, lembrou acontecimentos de oito décadas atrás, que envolviam Vana, filha natural do poeta. O presente trabalho apresenta novas informações sobre Valentina Souza Andrade, filha de Sousândrade, assim como informações inéditas sobre Maria Bárbara, sua meia-irmã.

O *Collegio de Industria*

As lembranças de d. Ada indicam que Vana era mulata (“de pele clara”) e professora no *Collegio de Industria* de São Luís, dirigido por sua irmã Maria Bárbara. As duas irmãs e a mãe de Maria Bárbara moravam no colégio, já que, naquela época, Sousândrade era separado da esposa e residia na Quinta Vitória. Aparentemente a diferença de idade entre as duas irmãs era pequena e d. Ada não soube dizer qual das duas era mais jovem.

¹ Marques, [Raúl] Astolfo. *Apuntos biobliográficos – Joaquim de Souzaandrade*. A Revista do Norte (São Luis – MA), nº 42, 16 mai. 1903, p. 139-140. “fixou residência nos Estados Unidos de América, onde presidiu à educação de sua única filha, d. Maria Bárbara”

² Santiago, Clarindo. *Souza Andrade, O solitário da “Vitória”*. Revista da Academia Brasileira de letras 23(1 26):173, junho de 1932. “ao mesmo tempo que guiava primorosamente a educação da filha Maria Bárbara, recebia o influxo das ideias democráticas da grande e nova nação livre do Norte.”

³ Paxeco, Fran. *Sousândrade in Figuras Maranhenses* – inédito [Cópia fornecida a Erthos Albino de Souza por Antônio de Oliveira em carta datada no Rio, 6 de julho de 1975.]. “Segue para os Estados Unidos, onde educa a sua filha Maria Bárbara.”

⁴ “As Filhas de Sousândrade” [entrevista de D. Ada Valente de Carvalho] in Williams, Frederick G. *Sousândrade: Vida e Obra*. São Luís (MA): Edições SIOGE, 1976, p. 249-254.

Em dezembro de 1896 Vanna Andrade aparece como professora de *Primeiras Letras e de Bordados, Costuras etc.*, subscrevendo, como diretora, ao lado de Maria B. S. [Bárbara Souza] Andrade um sueto sobre os resultados de exames no *Collegio de Industria*.⁵ Em 14 de fevereiro do mesmo ano, são publicados dois avisos pagos de alunos parabenizando sua mestra Valentina de Souza Andrade num caso, ou Vanna de Souza Andrade, no outro, pelo seu aniversário.

As informações disponíveis indicam que o *Collegio de Industria* funcionou em São Luís entre 1893 e 1897, pelo menos. Inicialmente só aceitava alunas, mas em 1896 passou a matricular meninos, o que ocasionou reclamações dos pais e mães de família, “a bem da moralidade e boa ordem.”⁶ Em novembro de 1898⁷ D. Mariana e sua filha Maria Bárbara viajaram para Santos no intuito de abrir um colégio para meninas. É quase certo que Vanna as acompanhou nesta viagem, havendo registro da sua passagem por Santos em 1897.^{8,9}

 Exma. sra. d. Valentina de Souza Andrade Hoje dia do vosso anniversario natalicio, S. Luiz. Maranhão, 14 de fevereiro de 1896. As vossas discipulas	A nossa distincta e muito digna professora Vanna de Souza Andrade Desejamos mil venturas pelo vosso feliz anniversario, felicitamos e abraçamos as discipulas e amigas 372 <i>Nenen e Mademoiselle.</i>
Valentina de Souza Andrade¹⁰	Vanna de Souza Andrade¹¹
Mensagens de Aniversário das alunas de Vanna (1896)	

⁵ Diário do Maranhão (São Luís). 27(6989):2, col. 1-2, 17-dez-1896.

⁶ Pacotilha (São Luís), 16(33):3, col. 4, 8-fev-1896.

⁷ Pacotilha (São Luís) 18(276):2, col. 2, 21 de novembro de 1898

⁸ Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro), (79):5, col. 8, 20-mar-1897 (Entrada no Rio proveniente de Santos)

⁹ O Paiz (Rio de Janeiro) 13(4709):3, col.6-7, 25-ago-1897. (Saída do Rio para São Luís)

¹⁰ Pacotilha (São Luís), 16(38):2, col. 1, 14-fev-1896.

¹¹ Pacotilha (São Luís), 16(38):2, col. 2, 14-fev-1896.

Apresentamos abaixo transcrição da certidão de óbito de Vanna de Andrade, acontecido em Santos, no primeiro dia de fevereiro de 1902, três meses antes do falecimento de seu pai.¹² Na certidão Vanna aparece como filha de Joaquim de Souza Andrade. O nome da mãe não é mencionado. O endereço residencial registrado na certidão é Conselheiro Nébias, n. 85 G, próximo do número 105 da mesma rua, endereço onde faleceu Mariana de Almeida e Silva em 1907.¹³

Aos primeiro de feveireiro de mil nove centos e dois nesta cidade de Santos no cartorio do registro civil compareceo o zellador do cemiterio Ginuino Dantas e apresentou attestado do Dr. Farias Lemos de ter fallecido hoje as dez horas da manhã, em sua residencia na rua Conselheiro Nebias nº oitenta e cinco "G" D. VANNA DE ANDRADE, brasileira, natural do Maranhão com trinta e seis annos de idade, solteira filha de JOAQUIM DE SOUZA ANDRADE, cor parda de cachexia cancerosa. E do que fiz este termo Eu, Saturnino Pedro Pilar Escrivão Y. o escrevi. Eu, Jayme Mieli, Escrivão o subscrevi.

**Certidão de Óbito de Vanna de Andrade
01-fev-1902 (transcrição)¹⁴**

A idade mencionada é 36 anos, o que faria supor que Valentina nasceu em 1865, informação que consideramos errada, como veremos mais adiante. A certidão também menciona que Valentina era de "cor parda", confirmando a informação fornecida por D. Ada Valente de Carvalho.

O falecimento foi comunicado a Sousândrade por telegrama, provavelmente por sua outra filha, Maria Bárbara, então residente em Santos. A imprensa local apresenta seus pêsames ao poeta, o que reforça a suposição da paternidade de Sousândrade.

¹² Sousândrade faleceu em São Luís em 21 de abril de 1902.

¹³ [Certidão de] "Óbito da Esposa de Sousândrade" in Sousândrade, Joaquim de. *Sousândrade: Poesia e prosa reunidas* (Frederick G. Williams e Jomar Moraes (org). p. 525

¹⁴ Registro Civil – 1º. Subdistrito. Santos. São Paulo. Livro de registro de óbito C-14, folhas 32, nº 116

Telegramma de Santos, Estado de S. Paulo, transmittido ao dr. Joaquim de Souza Andrade, noticia o fallecimento de d. Valentina Souza Andrade, em 1.º do corrente. Pezames.
Falecimento de Valentina Souza Andrade (01-fev-1902)¹⁵

As Viagens de Maria Bárbara e Valentina

O Novo Mundo publicou em 1877 alguns dados biográficos do poeta, e menciona a escola do "Sacré Cœur onde se está educando sua única filha, cuja delicada saúde fel-o trocar por este clima o do Maranhão."¹⁶ Nenhuma publicação consultada menciona que Valentina os acompanhou nas viagens aos Estados Unidos e América do Sul.

É interessante notar que, nas primeiras viagens o nome e sobrenomes de Valentina Souza Andrade são mencionados nas listas de passageiros; nas viagens posteriores à chegada nos Estados Unidos, em 1871, ela só aparece como criada ou servente.

D. Valentina de Souza Andrade é citada na lista de passageiros chegados a Belém no vapor *Gurupy*, vindo de São Luís (1871). Já na liberação pela polícia de Belém para embarque aos Estados Unidos, aparece como criada:

Passageiros vindos de Maranhão e escallas no vapor nacional <i>Gurupy</i>: Joaquim de Souza Andrade, d. Maria Barbara de Souza Andrade, d. Valentina de Souza Andrade,	PESSOAS DESPACHADAS NO DIA 2. Joaquim de Souza Andrade, sua filha e 1 criada, para os Estados Unidos;
Chegada a Belém (1871) ¹⁷	Saída de Belém (1871) ¹⁸

Na lista de passageiros na chegada a Nova Iorque, o grupo familiar é apresentado com o chefe (Joaquim de S. Andrade) em primeiro lugar, pela convenção da época. Maria Bárbara aparece como Maria B. Andrade e Valentina como Valentina S. Andrade:

¹⁵ Pacotilha (São Luís), 23(29):2, col. 1, 03-fev-1902.

¹⁶ O "Gueza Errante". O Novo Mundo (Nova Iorque). 7(74):39, fev-1877.

¹⁷ O Liberal do Pará (Belém), 3(84):1, col. 3, 18-abr-1871.

¹⁸ Jornal do Pará (Belém), 9(97):1, c.4, 03-mai-1871.

Joaquim de S. Andrade 40 Espirito B. Andrade 12 Valentina S. Andrade 15
Chegada a Nova Iorque (1871)¹⁹

Notamos que, pela idade registrada (15 anos), Valentina teria nascido por volta de 1856, e não em 1865 como faz supor a certidão de óbito.

Maria Bárbara foi matriculada na Academia do Sagrado Coração, um internato de elite dirigido por freiras católicas, e localizado em Manhattanville no norte da ilha de Manhattan. A maior parte da documentação da *Sacred Heart Academy* foi destruída num incêndio em 1888;²⁰ alguns livros de contabilidade, porém, foram preservados e encontram-se hoje nos arquivos do Manhattanville College (Purchase, Nova Iorque). Deles foram obtidas as informações abaixo.

Valentina não frequentou o Sagrado Coração; seu nome não aparece nos registros da escola. É possível, contudo, que estudasse no colégio gratuito que as mesmas freiras mantinham para as crianças das redondezas.²¹ É muito provável que tivesse recebido algum tipo de educação formal que a capacitasse, duas décadas mais tarde, a trabalhar como professora e diretora no *Collegio de Industria* de São Luis.

Lembramos ainda que, apesar de ter sido abolida a escravidão nos Estados Unidos em 1864, o preconceito racial ainda era abertamente praticado em Nova Iorque, como relata o engenheiro André Rebouças (que era mulato) quando visitou os Estados Unidos em 1873. Foi-lhe permitido hospedar-se no Washington Hotel “com a condição de comer no quarto e nunca no restaurant”. Escreveu no seu diário: “O prejuízo da cor impediu-me de assistir ao espetáculo no *Grand Opera House*.”²²

¹⁹ United States. Bureau of Customs; United States. National Archives and Records Service. *Passenger lists of vessels arriving at New York, 1820-1897* [microform]. reel 343 May 20-June 8, 1871 n. 427; Steamer North America, 20-mai-1871. Washington (DC): National Archives and Records Service, 1958. Disponível em: <https://archive.org/stream/passengerlistsof343unit#page/n27/mode/2up> Último acesso em: 15-fev-2014.

²⁰ *A Great Catholic Loss – The Sacred Heart Convent Damaged by Fire*. New York Times (Nova Iorque), 14-ago-1888, p. 1

²¹ *Addition to Academy of Sacred Heart*. New York Herald (Nova Iorque), 26-mai-1872, p. 10.

²² Rebouças, André Pinto; Verissimo, Anna Flora & Inácio José (eds). *Diário e notas autobiográficas: texto escolhido e anotações* [Coleção Documentos Brasileiros, 12]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938, p. 246.

O Novo Mundo forneceu algumas notícias sobre Sousândrade em fevereiro de 1877:

Estamos habilitados a responder que o nosso poeta vive muito retiradamente no confim de New York, em Manhattanville, a septe milhas do centro da cidade. Do pequeno quarto n'uma casa de familia elle ve a cruz no cimo do Sacre Cœur onde se esta educando sua unica filha, cuja delicada saude fel-o trocar por este clima o do Maranhao.²³

Vemos que Maria Bárbara é guindada à posição de “única filha” do poeta. Numa reportagem sobre o Instituto do Sagrado Coração de Manhattanville (conhecida, em inglês, como *Academy of the Sacred Heart* ou ainda *Sacré Cœur*, já que a ordem religiosa era de origem francesa), *O Novo Mundo* menciona entre as alunas à “filhinha do Sr. Andrade” (no singular).²⁴

Quando Sousândrade voltou para o Brasil percorrendo a costa ocidental da América do Sul, em 1878, Valentina é mencionada nas listas de passageiros publicadas nos jornais locais como “criada” ou “servente”.

- Na saída de Nova Iorque para Panamá: “J. de Sousondrade [sic], daughter and nurse”²⁵ [filha e aia]
- Na chegada a Valparaíso: “Sra. I. de Louzandrade [sic], hija y sirviente”²⁶
- Na saída de Valparaíso: “Joaquin de Souza Andrade, hijo [sic] y sirviente”²⁷
- Na saída de Recife: “Joaquim de Souza Andrade, 1 filha e 1 criado [sic]”²⁸

Um despacho na imprensa maranhense, supostamente enviado do Chile pelo “representante do jornal *Publicador Maranhense*” em Valparaíso, inclui a seguinte frase: “desejamos ao Sr. Souza Andrade e a sua sympathica filhinha feliz viagem...”²⁹ Valentina não é mencionada.

O Canto XII d’*O Guesa*, que trata da visita ao Chile, reveste especial interesse, já que nele Valentina é mencionada várias vezes, sempre como *Vale*, grafado em cursiva:

²³ *O “Guesa Errante”*. *O Novo Mundo* (Nova Iorque), 7(74):34, fev-1877

²⁴ *O Instituto do “Sagrado Coração” de N. York*, *O Novo Mundo* (Nova Iorque), 2(14):9, 24-nov-1871.

²⁵ *New York Daily Tribune* (Nova Iorque), 01-feb-1878, p. 3, col. 5.

²⁶ *El Mercurio* (Valparaíso), (15301):3, col. 3, 08-abr-1878.

²⁷ *El Mercurio* (Valparaíso), (15374):3, col. 4, 04-jul-1878

²⁸ *Publicador Maranhense* (São Luis), 37 (187):3, col. 1, 17-ago-1878.

²⁹ *Publicador Maranhense* (São Luis), 37 (188):2, col. 4, 18-ago-1878. Despacho datado em Valparaíso, 18 de junho de 1878.

**"De Vale ao lado, a liberta
Serva e flor que me acompanha
N'esta infinita campanha
D'onde vivo ninguém sae,**

**Da aya sua meiga e alerta
Sempre ao lado ande a menina
Que no mundo peregrina
Pela gloria de seu pae.³⁰**

.....
E aconteceu que enregelara o Guesa
Em Valparaíso, sem ter fogo em casa:
Para um filho do Sol quanta tristeza
Nos humidos salões sem lar nem braza!

Ora, o piano que vibre a chorda-setta
Ao coração vertendo sangue e que ama,
Longe do trópico e onde a terra o inquieta—
Vale, sò ha calor dentro da cama!³¹

.....
A terra palpitou — **Vale, se ouviste,
Resguarda ao anjo nosso.** Dizem, que erra
D'entre o gêlo ramoso, e ouve-se triste,
Do crepusc'lo o alaúde sobre a serra.

.....
— **A nostalgia, Vale, do deserto,**
Que aos forasteiros punge eternamente
Procurando uma patria: os cêus, tão perto
E d'elles, da formosa patria ausentes.³²

.....
Vantagem que ha dos céus... **Vale, os perigos
Passam...** pois, quando odeiam céus às gentes,
Na terra como ser tão bons amigos?³³

Nestes trechos fica patente que *Vale* é a "liberta serva", "aia ... meiga e alerta", a "meiga serva" cujo papel é "resguarda[r] ao anjo nosso" (Maria Bárbara). "Liberta" remete a uma criança nascida na escravidão e posteriormente alforriada. Nestes versos Valentina não é tratada como filha do autor, mas simplesmente como criada de confiança e aia de Maria Bárbara.

³⁰ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto XII, p. 314

³¹ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto XII, p. 318.

³² Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto XII, p. 322.

³³ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto XII, p. 328.

Outra possível referência a *Vale* aparece no Canto Epílogo: "*Vale-Dula* o crepusc'lo? *Lala? Estella?*"³⁴. *Dula* ou *Dulaleda* é uma filha de escrava que aparece diversas vezes no Canto V d'*O Guesa*:

" Como são meigos, Dula, os modos teus!
.....
 — sou da raça
Do escravo e do senhor — sou Dulaleda.
.....
'Stava alli Dulaleda sob os arcos
Das felizes aldeias, que passaram;
.....
Então a quanto bella Dulaleda
.....
N'essa hora incantadora — ó Dulaleda,
.....
"Mentiram, que nem nunca foram esses
Já restos Dula, a d'estes valles nossos!
.....
Matiz de luz! aqui d'onde s'esquecem
Todos, que vens fazer? — oh! Dulaleda!..³⁵

No Canto V, o poeta visita, provavelmente em 1862³⁶, as ruínas da Fazenda Vitória no Pericumã, e lembra episódios da sua infância e juventude. É possível que *Dula* seja uma escrava mulata, mãe de *Vale*, e que os versos acima lembrem o romance entre *Dula* e Sousândrade.

O uso do sobrenome Souza Andrade por Vanna também poderia também ser explicado se ela fosse filha de uma escrava de Sousândrade, e não necessariamente filha do poeta, já que era comum escravos utilizarem o sobrenome do patrão.³⁷ Por outro lado, a certidão de óbito não deixa dúvida de Vanna ser filha de Joaquim de Souza Andrade,

³⁴ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto Epílogo, p. 344.

³⁵ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto V, p. 94,95,97-99.

³⁶ Torres-Marchal, Carlos, *Contribuições para uma biografia de Sousândrade*. Revista Eutomia (Recife) 3(1): 1-20, julho 2010 [ed. 5] Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano3-Volume1/artigo-cap/Contribuicoes-para-uma-biografia-de-Sousandrade.pdf> Último acesso em: 24-mar-2014, p. 2. Os anos estampados na primeira página de cada canto indicam quando aconteceram os eventos narrados, mesmo reconhecendo os frequentes excursos poéticos. No Canto V, Sousândrade lembra cenas da sua infância e juventude na Fazenda Vitória.

³⁷ Moura, Clovis. *Dicionário da escravidão negra no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, p. 378

informação de certo fornecida por sua meia-irmã Maria Bárbara, que também morava na rua Conselheiro Nébias em Santos.

Na segunda viagem de Sousândrade aos Estados Unidos, em 1880, é mencionada “uma criada” (presumivelmente Valentina) na chegada a Belém, mas não é citada na liberação da polícia (na qual Maria Bárbara aparece como “sua filha Maria Barbosa”), nem na nota que anuncia a partida para Nova Iorque de Sousândrade.

Passageiros. — O vapor <i>Colombo</i> trouxe os seguintes passageiros do Maranhão e portos de escalas: Joaquim de Souza Andrade, uma filha e uma criada,	Foram despachados pela polícia: Para Maranhão. — Antonio Alves Merca. Para New-York. — Joaquim de Souza Andrade e sua filha Maria Barbosa. Para S. Thomaz e New York, seguiram no “City of Pará”: Joaquim Souza Andrade, M. B. Souza Andrade, C. Fournal, José Laforgue, Luiz Donizetti, José Martin & Luiz Donizetti.
Chegando em Belém (1880) ³⁸	Belém para Nova Iorque (1880) ³⁹

Na chegada a Nova Iorque, em 1880, a lista de passageiros inclui uma “Valentina Costa”, brasileira, imediatamente após os nomes de Sousândrade e Maria Bárbara. Nota-se uma emenda no sobrenome. Como os nomes na lista estão ordenados por grupos familiares e “uma criada” acompanhou Sousândrade e Maria Bárbara de São Luís até Belém, é possível tratar-se da Valentina filha do poeta, cujo nome não foi registrado corretamente na lista de passageiros. O único outro grupo familiar brasileiro era composto pelo médico João Borges Diniz, sua esposa e filha.

Joaquim de Souza Andrade	54
Maria B de Souza Andrade	15
Valentina Costa	31
Lista de Passageiros do “City of Pará” (1880) ⁴⁰	

³⁸ O Liberal do Pará (Belém) 12(206):1, col. 4, 12-set-1880.

³⁹ O Liberal do Pará (Belém) 12(208):1, cols. 4,6, 15-set-1880; 17-set-1880, p. 2 col. 2

⁴⁰ United States. Bureau of Customs; United States. National Archives and Records Service. *Passenger lists of vessels arriving at New York, 1820-1897* [microform]. reel 431 September 27-October 28, 1880 n. 1271; Steamer City of Para, 27-set-1880. Washington (DC): National Archives and Records Service, 1958. Disponível em: <https://archive.org/stream/passengerlistsof431unit#page/n90/mode/1up> Último acesso em: 15-fev-2014.

Após a segunda temporada nos Estados Unidos (1880-1883), Sousândrade viajou para Paris e Londres antes de retornar ao Brasil em 1884.⁴¹ No Canto Epílogo (datado de 1880 – 1884) há outra provável menção a Valentina, (desta vez não mencionada pelo nome), reforçando a sua presença na segunda viagem aos Estados Unidos, também de 1880 a 1884:

“—Ao lar, à tua mãe ó filha;
E tu, meiga serva.... adeja
D’hierosolymita igreja
Cantico, de antes da cruz.”⁴²

Notamos também as referências a Lot e suas filhas no acréscimo à didascália da estrofe 106 da edição londrina (c. 1887) do *Inferno de Wall Street*: “passa em London o ‘assassino’ da Rainha e em Paris ‘Lot’ o fugitivo de Sodoma.” e, na estrofe 123 da mesma edição:

HALL-HALL comendo o enxofre de SODOMA
.....
... até que sonhas
Com ‘Lot’ e os ‘anjos’ ”.

A menção à fuga de Lot lembra a personagem bíblica que, alertado por anjos enviados por Deus, fugiu com suas duas filhas de Sodoma⁴³ (que no texto sousandradino refere-se a uma grande cidade, possivelmente Londres ou Nova Iorque).

Valentina: filha adotiva?

No Canto VII d’*O Guesa* (ed. londrina) há um relato de uma órfã resgatada por Sousândrade. Por estar incluído no fragmento que trata da passagem do poeta por Dacar, na Senegâmbia, é comumente aceito que o episódio ocorreu na África.⁴⁴ Esta interpretação

⁴¹ Torres-Marchal, Carlos, *Contribuições para uma biografia de Sousândrade II — As errâncias e os pousos do Guesa*. Eutomia (Recife), 11 (1): 5-30, Jan./Jun. 2013 Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/240/202> Último acesso em: 16-fev-2014.

⁴² Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto Epílogo, p. 348.

⁴³ Livro do Gênesis, Cáp. 19.

⁴⁴ Williams, Frederick G., *Sousândrade: Vida e Obra*. São Luís (MA): Edições SIOGE, 1976, nota 49, p. 164. “Lá [na Senegâmbia] teria regatado uma criança para colocá-la sob a proteção de um instituto de educação religiosa”.

não leva em conta os frequentes excursos observados n' *O Guesa*. No Canto XI, por exemplo, durante a travessia entre Panamá e Callao, porto da capital peruana, Sousândrade lembra do aniversário natalício da sua mãe e dedica as seguintes dezoito estrofes à lembranças da sua infância no Pericumã, antes de retomar o relato da viagem.

Lembramos que Sousândrade só ficou em Dacar poucas horas durante uma escala do *Avenir*, navio que o levava para Marselha.⁴⁵ Acreditamos, portanto, que o episódio do resgate da órfã no Canto VII é uma lembrança de eventos acontecidos no Brasil, trazidos à memória pela passagem por Dacar, notório centro do tráfico de escravos:

E nas manhans ignivomas lhe vinha
Dos dias d'Africa uma doce aragem
Rosas offerecer, parda, sozinha,
Criança escrava, da saudade a imagem.

Quem era? uma perdida, na innocencia
D'alva dos annos. A' moral consciencia
Já consternando, o coração do Guesa
Vibrou; e erguendo-se á moral belleza,

Resgatou-a; de asylo religioso
Sagrou-lhe a educação co'a divindade
De quem traidor disciplo ama zeloso,
E diz: "Sê meiga flor e a liberdade."

.....

Eis do Guesa a affeição mais duradoura,
O amor da bôa serva, a serva-amante,
Práctica virgem, que só trae se adora: ⁴⁶

Os versos acima só aparecem na edição definitiva d' *O Guesa* (c. 1887) e sugerem que Sousândrade teria "resgatado" a menina escrava e proporcionado a ela educação numa organização católica. Sabemos que Sousândrade contribuiu para financiar a alforria de outras meninas escravas,⁴⁷ em campanha promovida, no dia da festa de São Benedito, por Antônio Marques Rodrigues, fundador da Sociedade Manumissora Maranhense.⁴⁸ De

⁴⁵ Torres-Marchal, Carlos. *Contribuições para uma biografia de Sousândrade II — As errâncias e os pousos do Guesa*. Eutomia (Recife), 11 (1): 5-30, Jan./Jun. 2013, p. 7 Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/240> Acesso em: 03-fev-2014.

⁴⁶ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto VII, p. 147-148.

⁴⁷ "Relação das esmollas alcançadas para alforria das crianças do sexo feminino em louvor do glorioso S. Benedicto". *Semanário Maranhense* (São Luís), (36):8, 3-mai-1868.

⁴⁸ Dunshee de Abranches [João Dunshee de Abranches Moura]. *O Cativo* (2ª ed.). São Luís: ALUMAR, 1992, p. 105.

qualquer forma, acreditamos não existir suficiente informação para concluirmos que a criança “resgatada” por Sousândrade fosse sua filha Valentina.

A filha das Harpas Selvagens

No seu livro de estreia (*Harpas Selvagens*, 1857), Sousândrade apresenta um poema, (o de número XXXVII), intitulado simplesmente V. * * *. O poema é reproduzido nas *Obras Poéticas* (1874), com o título V. e o acréscimo *Solidões (Dii Penates)*, sendo que, na antiga Roma, os *Dii Penates* eram deuses domésticos que representavam o pátrio poder.⁴⁹ O poema é dirigido a uma filha do autor com uma jovem escrava, provavelmente nascida na Fazenda Vitoria, no Pericumã, como depreende-se dos versos abaixo:

Não morres, filha, sou eu;
És aos lados de teu pai.
....
Orphãa de mai perdida,
Nem és a filha do amor,
Que o fogo d'alva dos annos
Só queima, não ama a flor:
.....
Não!.. do mundo eu nada quero:
Filha amor, tudo aqui 'stá!
Vivamos como as correntes
Do tortuoso Mapá . —⁵⁰
.....
Ó filha da escrava negra!
Eu encontro em ti poesia.
.....
Quando fores mais crescida
E já souberes fallar,
Quando mudares os dentes
Deixaremos o palmar:

Iremos ver o Vesuvio
Suas lavas aos céos lançar,
A bella França há de ver-te
E as louras filhas do mar.
....
Sobre os pés do velho mangue
A minha fronte pendia,
E minha filha brincando

⁴⁹ Braga, Teófilo. *Poesia do direito*. Porto: Viúva Moré – Editora, 1865, p. 72

⁵⁰ Nota no original: “*Ribeiro da Victoria*” (fazenda dos pais de Sousândrade, no Pericumã)

Parece mimosa cria
Na relva do praturá;⁵¹

Se o V*** do título é referência a Vana Souza Andrade, o poema é curiosamente antecipatório: Sousândrade promete à filha visitar com ela o Vesúvio, a “bela França” e “as louras filhas do mar” (a Inglaterra).

Informações complementares — Maria Bárbara

Consignaremos aqui algumas informações inéditas sobre Maria Bárbara, filha do poeta e de sua esposa, d. Mariana de Almeida e Silva, que complementam as informações fornecidas sobre Valentina. A data do casamento de Sousândrade não é conhecida, mas alguns poemas de Sousândrade parecem colocá-lo por volta de 1861, como a referência ao noivado do Sousândrade no poema *Alabastro* datado desse ano:

Eis um vaso de puro alabastro
Que é a imagem de quem longe está,
Que ao noivado meu dera-me um astro
E que encerra um mistério.⁵²

Do mesmo ano é o poema *A Noiva do Cometa*, datado em Alcântara.⁵³

Maria Bárbara nasceu em 9 de abril conforme noticiado na imprensa são-luisense, quando ela era diretora do *Collegio de Industria*.⁵⁴ O ano não é conhecido, mas um cruzamento de informações nas listas de passageiros nas viagens aos Estados Unidos, em informações da Academia do Sagrado Coração, permitem supor que Maria Bárbara nasceu em 1863 ou 1864.

O motivo que levou Sousândrade a deixar o Brasil levando as suas duas filhas não foi ainda esclarecido. Aachamos pouco provável ter sido “a delicada saúde” de Maria Bárbara que fez Sousândrade “trocar por este [de Nova Iorque] clima o do Maranhão”. Nos registros

⁵¹ Souza-Andrade, J. de. *Harpas Selvagens*. Rio de Janeiro: Typographia Univesal de Laemmert, 1857, p. 231-236. Poema XXXVII. V.***

⁵² Sousândrade, Joaquim de; Williams, Frederick G.; Moraes, Jomar (orgs.) *Poesia e Prosa Reunidas*. São Luís (Maranhão): Edições AML, 2003, *Liras Perdidas* p. 458

⁵³ Sousândrade, Joaquim de; Williams, Frederick G.; Moraes, Jomar (orgs.) *Poesia e Prosa Reunidas*. São Luís (Maranhão): Edições AML, 2003, *Liras Perdidas* p. 468

⁵⁴ Diário do Maranhão (São Luís), 27(6782):2, col. 3,4, 09-abr-1896.

do *Sacré Cœur* (que cobrem desde 1873 até 1882) só há duas consultas médicas, sendo que nos primeiros quatro anos não houve despesas com médicos. Além das desavenças com a esposa, havia da parte de Sousândrade um descontentamento com a sociedade brasileira, imperial e escravocrata, e um desejo de conhecer de perto a sociedade norte-americana, republicana, democrática e progressista. A falta de horizontes educacionais para suas filhas pode ter sido um incentivo adicional para empreender a viagem, altamente incomum na época. Lembramos que, até a promulgação do Decreto 7.247 de 19 de abril de 1879, as mulheres não tinham acesso às universidades no Brasil.⁵⁵ A opção de educação de meninas brasileiras nos Estados Unidos também não era usual. O censo nacional norte-americano de 1880, por exemplo, cita 28 alunas cubanas na Academia do Sagrado Coração em junho desse ano, mas somente duas brasileiras: Anita Amaral e Eugênia Gama Lobo, ambas paraenses⁵⁶ (Maria Bárbara só voltaria a ser aluna do *Sacré Cœur* na sua volta do Brasil, em setembro daquele ano).

Exm.^a sr.^a d. Maria Barbara de Souza Andrade. As abaixo assigadas, alunas do «Collegio da Industria», vêm cheias de jubilo felicitar a sua digna mestra no dia do seu anniversario natalicio.—rogando ao Omnipotente lhe prodigalise as recompensas dos relevantes serviços, que presta aqui no —Paraizo Terre-tre — S Luiz, Maranhão, 9 abril 1896	
9 de abril – Aniversário de Maria Bárbara de Souza Andrade⁵⁷	Maria Bárbara de Souza Andrade⁵⁸ (Nova Iorque, c. 1881)

⁵⁵ Decreto n. 7247 – de 19 de abril de 1879 – Reforma o ensino primário e secundário no município da Corte e o superior em todo o Império. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=73867> Acesso em 23-02-2014.

⁵⁶ 1880 New York Federal Population Census Schedules - New York City (ED 518, sheet 11-ED 539, sheet 36). Reel 0892. Disponível em; <https://archive.org/details/10thcensuso892unit> Acesso: 02-fev-2014.

⁵⁷ Diário do Maranhão (São Luís), 27(6782):2, col. 3, 09-abr-1896.

⁵⁸ Cópia de fotografia de propriedade de Ivonne Moraes Pinho.

Outro dado importante nas biografias de Maria Bárbara e de Sousândrade é o regime de internato adotado nos anos que aquela frequentou a Academia do Sagrado Coração. Na primeira temporada nos Estados Unidos (1871-1878) os registros disponíveis indicam que Maria Bárbara foi aluna interna no colégio, com exceção do período compreendido entre setembro de 1876 e fevereiro de 1877 (quando esteve no regime semi-interno). Na segunda temporada (1880-1883), Maria Bárbara foi aluna externa de outubro de 1880 até setembro de 1881 (com exceção de junho de 1881, quando ficou no regime de internato); de outubro de 1881 até janeiro de 1882 foi aluna semi-interna; e novamente aluna interna de fevereiro de 1882 até o último registro em abril de 1883. Nos meses de agosto a escola permanecia fechada e as alunas deviam procurar outras acomodações. Em *O Guesa* são mencionadas estações de veraneio (Tarrytown, Saratoga⁵⁹) para onde Sousândrade e suas filhas poderiam ter viajado na época das férias. Estas mudanças no regime de matrícula de Maria Bárbara podem indicar ausências de Sousândrade de Nova Iorque (por viagens ou por motivos de saúde) ou, em algumas épocas, uma residência em Manhattanville, próxima à escola.⁶⁰

Os problemas de saúde de Sousândrade são mencionados no Canto Epílogo, quando Sousândrade adoece e é cuidado por Chaska, uma médica homeopata por quem se apaixona:

Ora, de tanto amar e adeus saudoso
Achou-se inferno o coração do Guesa:
Então, que não morresse, Inti, que o preza,
Lhe envia Chaska-albor. Do céu formoso
Já descendo a scentelha genio d' Hahnemann,
Olhos vibrados de Minerva-Athenas
Fixa sobre o orgam das doridas penas
E sara-o—mysterioso talisman!

.....

Além do anjo da guarda seu, que vela
Sempre co' a luz ao lado d'elle accesa,
Mandou mais, enfermeira, quanto bella

Filha das regiões do oiro e mesmos aureos

⁵⁹ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto X, p. 212, 213.

⁶⁰ Sabemos que Sousândrade teve vários endereços durante a sua permanência em Nova Iorque. ver Torres-Marchal, Carlos. *Contribuições para uma biografia de Sousândrade II — As errâncias e os pousos do Guesa*. Eutomia (Recife), 11 (1):5-30, Jan./Jun. 2013, p. 21 Disponível em: <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/240> Acesso em: 03-fev-2014.

Negros fulgores que eram de olhos taureos
D' homerea deusa ! Evita elle a divina,
Pela causa da acção da medecina.⁶¹

Na sequência, os papéis se invertem: Chaska adoece e o poeta toma conta dela.

Tal a estellar doctor viu-se a doente ;
E por medico, o seu convalescente.⁶²

A nota n'*O Novo Mundo* já referida, que situa Sousândrade morando num "*pequeno quarto n'uma casa de família [de onde] elle ve a cruz no cimo do Sacre Coeur*" é datada de fevereiro de 1877, quando Maria Bárbara estava em regime semi-interno. Sabemos também que Sousândrade indicou o Hotel Hamilton (na rua 125 com a Oitava Avenida) como endereço no colégio da filha. O hotel ficava perto da colina onde estava encravada a Academia do Sagrado Coração. Certamente não era uma "casa de família", mas permitia uma vista da "cruz no cimo do Sacré Cœur", como pode ser apreciado nas imagens abaixo. A "casa de família" ter sido uma fórmula considerada mais adequada que um hotel por *O Novo Mundo*, da mesma forma como foi provavelmente um eufemismo mencionar a frágil saúde de Maria Bárbara como justificativa da viagem para Nova Iorque — em vez de, possivelmente, problemas conjugais.

Um poema, assinado em Manhattanville, apresenta várias meninas, amigas de Maria Bárbara, brincando e fazendo algazarra num hotel (possivelmente o Hamilton):

— Matinada de Babel!
Meninas, mudem de quarto,
Há mais quem durma no hotel!⁶³

⁶¹ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto Epílogo, p. 332.

⁶² Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto Epílogo, p. 336.

⁶³ Sousândrade, Joaquim de. *Flirtations*. O Globo (São Luís), nº 8, 15-set-1889, p. 2. *in* Williams, Frederick, G.; Moraes, Jomar, (orgs). *Poesia e Prosa reunidas de Sousândrade*. São Luís: Edições AML, 2003, p. 471 – Liras Perdidas. [O poema não aparece no original manuscrito, mas foi publicado na imprensa ludovicense sob a identificação *Liras Perdidas*]



Sacred Heart Academy (1871)⁶⁴



Hotel Hamilton (c. 1900)⁶⁶



Sacred Heart Academy & Hotel Hamilton
(1879)⁶⁵

Academia do Sagrado Coração & Hotel Hamilton (Manhattanville)

Andrade Maria

*Mr. J. de S. Andrade
Hamilton Hotel
125th St. & 8th Avenue
N. Y. City.*

**Endereço de J. de S. Andrade, pai de Maria [Bárbara de Souza] Andrade
(Hamilton Hotel, rua 125 e 8ª. Av.)⁶⁷**

Uns versos do canto X d'O *Guesa* parecem insinuar que Sousândrade só visitava a escola da filha anualmente:

Pelos recintos
Dos parks e os jardins de Sacred-Heart
Derrama-se o dilúvio de jacinthos—
Oh minha filha, venho ver-te e dar-te
A minha benção!
.....
Aqui doiram-se os prados verdejantes
Da liberdade ao sol; de luz s'esmaltam

⁶⁴ O Novo Mundo (Nova Iorque), 2(14):25, 24-nov-1871.

⁶⁵ Taylor, Will L. *The City of New York*. Nova Iorque: Galt & Hoy, 1879. [detalhe]

⁶⁶ Menu [held by] Colonial Hotel [at] "New York, NY" (HOTEL;) (1900) Imagem 475699 Disponível em: <http://digitalgallery.nypl.org/> Último acesso em: 16-fev-2014. Até 1892 o Colonial Hotel chamava-se Hamilton Hotel.

⁶⁷ Manhattanville College (Purchase, Nova Iorque). Registros contábeis.

Os teus jardins. **Virei dos mais distantes**
Climas cada anno ver quanto s'exaltam

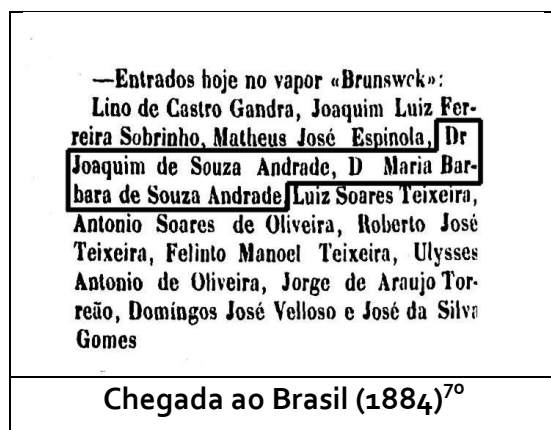
Glorias d'esta alma, a tão dos céus querida!
Eu virei ao descanso d'estas puras
Sombras tranquillias, a cansada vida
Juncto a ti descansar; deixar torturas;⁶⁸
[grifos nossos]

Maria Bárbara também não mantinha contato epistolar com a mãe, como parecem sugerir os versos:

Diz a criança, olhando á natureza,
'Quem sabe se mamman já não morreu?'⁶⁹

É possível que a mãe dela fosse analfabeta, como sugere Williams, baseado numa procuração (redigida em 1902) de Mariana de Almeida e Silva para sua filha Maria Bárbara, em que Ildefonso Nicolau de Souza assinou "a rogo da outorgante por não saber escrever."

Tratamos das viagens de Maria Bárbara aos Estados Unidos ao falarmos de Valentina. Registramos, contudo, que na volta ao Brasil em outubro de 1884, a notícia no jornal maranhense só menciona a chegada de Sousândrade e de Maria Bárbara, mas não a de Valentina, no vapor *Brunswick*, proveniente de Liverpool e Lisboa,:



O *Collegio de Industria*, dirigido por Maria Bárbara e Valentina Souza Andrade, sito à rua 28 de Julho em São Luís funcionou entre os anos de 1893⁷¹ e 1896,⁷² como se depreende

⁶⁸ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto XI, p. 221-222

⁶⁹ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto XI, p. 221.

⁷⁰ O Paiz: Orgão Especial do Commercio (São Luís) 22(80):3, col 1, 4-out-1884.

dos documentos consultados. Em janeiro de 1898, Sousândrade e sua esposa ofereceram a venda o “sobrado de 2 andares, sob o n. 33 sito a rua 28 de Julho, junto ao Banco Commercial”, o mesmo previamente ocupado pelo *Collegio de Industria*.⁷³ Como já foi indicado, em novembro do mesmo ano, Maria Bárbara e sua mãe Mariana de Almeida e Silva deixaram São Luís por Santos. Lá, Maria Bárbara estabeleceu outra escola mista também chamada *Collegio de Industria*.⁷⁴ Aparentemente esta escola só operou entre 1902 e 1904.⁷⁵

Quatro meses após a morte de Sousândrade, Maria Bárbara esteve de volta a São Luís, onde assinou, em 30 de setembro de 1902, a partilha dos bens deixados por seu pai.⁷⁶ Não demorou na capital maranhense, retornando a Santos a inícios de novembro do mesmo ano. É possível que na mesma viagem tivesse se ocupado de recuperar o patrimônio interditado pela falência de Henry Airlie, o procurador que deixou no Maranhão. Numa primeira classificação de credores, em dezembro de 1901, Maria Bárbara foi contemplada com 1:890\$550 reis, e seu pai com 4:626\$000.⁷⁷ Os síndicos da massa falida, porém, foram destituídos e os pagamentos foram adiados.

⁷¹ Diário do Maranhão (São Luís), 24(6083):2 col. 1, 16-dez-1893

⁷² Diário do Maranhão (São Luís), 27(6989):2 col. 1-2, 17-dez-1896.

⁷³ Pacotilha (São Luís), 18(18):3, col. 6, 21-jan-1898. Tb. 19 e 20 (22 e 24-jan-1898), p. 1. Williams [Sousândrade: *Vida e Obra* (1976), p. 210] afirma que o *Colegio Industrial* [sic] funcionava num sobrado de 2 andares, mas apresenta uma foto de um prédio no nº 35 da rua 28 de julho em São Luís, com três andares. Na mesma obra o Dr. Rubem Ribeiro de Almeida afirma que o prédio do “colégio de D. Maria Bárbara, [ficava] na rua 28 de julho, sobrado depois pertencente ao Dr. Domingos Afonso Machado.” Em 1930, funcionava no nº 33 da rua 28 de julho o Instituto S. José de Domingos A. Machado [Pacotilha (São Luís), 49(7), 9-jan-1930. col. 5-6]. Acreditamos, portanto, que o *Collegio de Industria* funcionou no nº 33 da rua 28 de julho. Na década de 1880, o prédio tinha o nº 27, como mostram os lançamentos da décima urbana em nome de Joaquim de Souza Andrade [Publicador Maranhense (São Luís) 43(110):2 col. 5, 18-set-1884].

⁷⁴ Williams, Frederick G., *Sousândrade: Vida e Obra*. São Luís (MA): Edições SIOGE, 1976. Nota 49, p. 23.

⁷⁵ Pereira, Maria Aparecida Franco. *Santos nos caminhos da educação popular: 1870-1920*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 133 – Tabela nº 10 - Escolas Extintas. Foram encontradas referências ao *Collegio da Industria* somente entre 1902 e 1904.

⁷⁶ Williams, Frederick, G.; Moraes, Jomar, (orgs). *Poesia e Prosa reunidas de Sousândrade*. São Luís: Edições AML, 2003, p. 525 – Inventário.

⁷⁷ Diário do Maranhão (São Luís), 33(8512):1, col. 1-4, 04-jan-1902.

A professora do collegio de Industria temporariamente retirando-se d'este Estado para o Estado de S. Paulo, despede-se affectuosamente dos seus amigos, conhecidos e dos srs. pais de familia pelas atenções e affectos recebidos. <i>Maria Barbara de Souza Andrade.</i> 2738-2  D. Marianna de Almeida e Silva esposa do sr. Joaquim de Souza Andrade e sua filha Maria Barbara de Souza Andrade, retirando-se para o Estado de S. Paulo, deixão por seus procuradores os srs. drs. José Marianno da Costa e Henry Airlie 2739-2	No vapor «Guarany» seguiram hoje, com destino a S Paulo, a exm^a sr.^a d. Maria B. S. Andrade e familia, indo ali abrir um collegio para educação de meninas, como o que tinham nesta capital á rua 28 de Julho.
Maria Bárbara e sua mãe deixam São Luís (nov-1898)⁷⁸	

Acreditamos que Maria Bárbara Souza Andrade ainda morava em Santos quando faleceu sua mãe Mariana de Almeida e Silva, em 1907.⁷⁹ Em 1912, Maria Bárbara vendeu à União a Quinta Vitória, última residência de seu pai, por 30 contos de reis, para que nela fosse instalada a Escola de Aprendizes Marinheiros do Maranhão.⁸⁰ Alguns meses depois, embarcou no Rio de Janeiro rumo a Europa.⁸¹

⁷⁸ Diário do Maranhão (São Luís), 29(7565):2 col. 1,6, 21-nov-1898

⁷⁹ Williams, Frederick, G.; Moraes, Jomar, (orgs). *Poesia e Prosa reunidas de Sousândrade*. São Luís: Edições AML, 2003, p. 525 – Óbito da esposa de Sousândrade

⁸⁰ Pacotilha (São Luís), 22(21):1, col. 2, 24-jan-1912.

⁸¹ O Paiz (RJ) 28(10129):3, col. 1, 30-jun-1912

Lista de passageiros do vapor «Pernambuco» entrado do sul hoje: D. Maria B. de Andrade e alferes Plínio e 6 de 2ª classe.	Actos Officiaes DESPACHOS DO DIA 27 DE SETEMBRO DE 1902 D. Maria Barbara Souza Andrade, requerendo pagamento dos ordenados do seu fallecido pai Joaquim de Souza Andrade, desde Fevereiro até 21 de Abril do corrente anno, na qualidade que era de lente de grego do Lyceu – Informe o Thesouro Publico do Estado.	Despedida Retirando-me no vapor «Alagoas», para a cidade de Santos, no Estado de S. Paulo, despeço-me das pessoas que me honraram com a sua amizade, e ali ponho as suas disposições o meu limitado prestimo. Maranhão 7 de novembro de 902 <i>Maria Barbara de Souza Andrade.</i> 3799-1
Chegada a São Luís (ago-1902)⁸²	Solicita pagamento de ordenados do pai⁸³	Volta a Santos (nov-1902)⁸⁴
Viagem de Maria Bárbara a São Luís após a morte de Sousândrade (1902)		

Em 1917 é apontada como residente no Rio num protesto publicado na imprensa maranhense pedindo a anulação da venda das terras “das fazendas Flora Temple” (sic, da fazenda Templo de Flora)⁸⁵ no município de Codó (MA), herdada de seus pais.⁸⁶ Lembramos que, na década de 1860, Sousândrade é citado como “fazendeiro de algodão, arroz, farinha e mais gêneros” na fazenda Templo de Flora, em Codó.⁸⁷ É provável que a fazenda estivesse entre as terras em Cururupu e Codó, que Sousândrade e sua esposa doaram a seus ex-escravos, em celebração da proclamação da República.⁸⁸ Se esta transmissão de propriedade para os ex-escravos não foi devidamente registrada em cartório (hipótese provável, supondo que os ex-escravos não estivessem constituídos em pessoa jurídica), justificar-se-ia legalmente a oposição de Maria Bárbara à venda de terras de propriedade de seus pais e, portanto, parte da sua herança.

⁸² Diário do Maranhão (São Luís), 33(8712):3, col. 1, 30-ago-1902. Chegada a São Luís no vapor Pernambuco.

⁸³ Diário do Maranhão (São Luís), 33(8738):2, col. 3, 30-set-1902.

⁸⁴ Pacotilha (São Luís) 22(267):2, col. 3, 10-nov-1902

⁸⁵ É curioso o uso de *Flora Temple* para a fazenda *Templo de Flora*, talvez indicando uma maior familiaridade com (ou até preferência por) a língua inglesa por parte de Maria Bárbara.

⁸⁶ Pacotilha (São Luís), 37(40):2 col. 5, 16-fev-1917

⁸⁷ Mattos, B[elarmine] de. *Almanak Administrativo, mercantil e Industrial*. São Luís: Typ. do Progresso. vol. 2, p.197 (1865); vol. 3, p. 225 (1866)

⁸⁸ Williams, Frederick G., Sousândrade: *Vida e Obra*. São Luís (MA): Edições SIOGE, 1976, p. 47. 1889 Novembro 21.

—Passou para a União, por compra feita a d. Maria Barbara de Souza Andrade, pela quantia de 30.000\$000, a quinta «Victoria», para nella ser instalada a Escola de Aprendizizes Marinheiros deste Estado. Para Hamburgo e escalas, pelo paquete allemão <i>S. Paulo</i>, partiram hontem os Srs. José Pinto de Almeida, Antonio Magalhães, Evaristo Alves Frade, Emeline Turner, Maria Barbara de Souza Andrade, Betty Grant, Bernardo Kestenberg, João Veriloel, Mathilde Klunge, Julio Graça e Mathilde Borges.	Protesto D. Maria Barbara de Souza Andrade, actualmente residente na capital da Republica, por seu procurador abaixo assignado, tendo tido noticia de que foram vendidas as terras de fazendas Flora Temple, no municipio de Codó, as quais a dita senhora herdou de seus finados pais o dr. Joaquim de Souza Andrade e sua mulher vem por este meio protestar contra a referida venda até que pelos meios judiciais a annulle, como é de direito. 397—2 Maranhão, 15 de fevereiro de 1917. <i>Eduardo Pinto Coelho e Silva.</i>
Venda da Quinta Vitória e viagem para Europa (1912)^{89,90}	Maria Bárbara (residente no Rio de Janeiro) Protesto por venda de terras (1917)⁹¹

Outras filhas

Outras filhas de Sousândrade são mencionadas na literatura, mas as informações disponíveis sobre a paternidade são vagas. D. Maria de Lourdes Costa Lopes da Cunha, em entrevista a Frederick Williams, afirmou que uma filha de Sousândrade, apelidada Jilica, era mãe do Dr. José Ribamar Teixeira de Araújo, Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado do Maranhão em 1975.⁹²

Outra filha de Sousândrade teria sido Severa Sousa Andrade Costa, mãe de Nênie [Maria José] Sousa Andrade Costa, entrevistada por Antônio de Oliveira em 1965, no Rio de Janeiro.⁹³ Manifestou d. Nênie nesta entrevista ter aprendido inglês com seu avô em colégios da Inglaterra. Considerando que a última viagem conhecida de Sousândrade a Inglaterra data de 1884, 81 anos antes da entrevista a sua presuntiva neta, e não havendo qualquer registro de que o poeta tivesse sido acompanhado por uma filha de nome Severa

⁸⁹ Pacotilha (São Luís), 32(21):1, col. 2, 24-jan-1912.

⁹⁰ O Paiz (RJ), 28(10129):3, col. 1, 30-jun-1912. O *São Paulo* fez escalas em Salvador (Bahia), Lisboa e Leixões.

⁹¹ Pacotilha (São Luís), 37(39):4, col. 3, 25-fev-1917; 37(40):2, col. 5, 16-fev-1917

⁹² Williams, Frederick G., *Sousândrade: Vida e Obra*. São Luís (MA): Edições SIOGE, 1976, nota 49, p. 247. José de Ribamar Teixeira de Araújo faleceu em 18-mai-2006.

⁹³ Oliveira, Antônio de. *Mais uma Vez, Sousândrade*. Jornal do Commercio, (Rio de Janeiro) 139(49):5 – Letras - 3º Caderno – Suplemento Dominical, 28-nov-1965.

ou de uma neta em idade escolar, achamos pouco confiável o relato de d. Neniê e seu suposto parentesco com Sousândrade, que não foi confirmado documentalmente.

Williams⁹⁴ supõe a existência de outra filha de Sousândrade, argumentando que o poema V.*** das *Harpas Selvagens* (1857, 1874), sobre o qual já tratamos, refere-se a uma filha do poeta chamada Maria José. Podemos ver, nas reproduções abaixo, que o poema é dedicado “À minha irmã Maria-José”, sobre quem trataria o poema, para Williams.

HARPAS SELVAGENS. 231 XXXVII V. *** { À MINHA IRMÃ MARIA-JOSÉ. } Não mais o amor fatal, o amor do inferno : Eu canto o amor da natureza — Salve ! Quando fores mais crescida, Quando souberes fallar, Quando mudares os dentes, Deixaremos o palmar :	SOLIDÕES. (Dit Penates.) À MINHA IRMÃ MARIA-JOSÉ. V. Quando fores mais crescida, Quando souberes falar, Quando mudares os dentes, Deixaremos o palmar;
V. * * * Harpas Selvagens (1857)	V. Obras Poéticas (1874)

Num posfácio à *Harpas Selvagens* (1857), intitulado “Última Página”, Maria José é novamente mencionada como irmã do poeta:

À sombra do teu nome, doce irmã, bella e feliz Maria-José, eu teria abrigado os meus primeiros en- saíos ;
Harpas Selvagens (1857) Última Página

⁹⁴ Williams, Frederick G., *Sousândrade: Vida e Obra*. São Luís (MA): Edições SIOGE, 1976, p. 32

Maria José também é mencionada em *O Guesa*, como Esojairam (Maria José ao contrário) ou, ainda Mima-Esojairam, sempre na forma de uma invocação:

E os paes, e os descendentes que se geram,
Ai Esojairam! pelo amor insano!⁹⁵
.....
A belleza
Celestial, foi a dor ... Mima-Esojairam!⁹⁶
.....
Púrpuros corações os tão de amores
Vicejantes outrora! — ... "Oh! Esojairam!"⁹⁷
.....
Reflorescesse... os cantos s'escutaram
Ainda, na fertil ilha afortunada,
Onde viver quizeram... Oh! Esojairam!⁹⁸

No Canto V d'*O Guesa*, Sousândrade relembra o Natal passado com os pais e as irmãs:

Dão-se os presentes;
Hão festas Mima e Mena.⁹⁹

Com base nas citações anteriores, acreditamos Mima e Mena serem os apelidos familiares das duas irmãs do poeta: Maria José e Ana. Esta última pode ter falecido ainda criança, já que em *Harpas Selvagens* lemos:

Esperando que a lua atravessasse
No valle por sauda-la destes nomes —
« Anna e minha mai » — achei só tumulos:
Pallido o amor, pallida amizade!¹⁰⁰

Pelo acima exposto consideramos que Maria José era o nome de uma irmã de Sousândrade, e não o de uma filha dele, como propõe Williams.

⁹⁵ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto V, p. 110.

⁹⁶ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto VIII, p. 161.

⁹⁷ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto IX, p. 164.

⁹⁸ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto IX, p. 170.

⁹⁹ Sousândrade, Joaquim de. *O Guesa*. Londres, s.e., s.d. (c. 1887). Impresso por Cooke & Halsted. Canto V, p. 94.

¹⁰⁰ Souza-Andrade, J. de. *Harpas Selvagens*. Rio de Janeiro: Typographia Univesal de Laemmert, 1857, p. 228. Poema XXXVI.

Comentários finais

O tratamento dado a Valentina transluz a posição ambígua de Sousândrade perante a escravidão: nominalmente antiescravagista, na sua juventude vendeu escravos para financiar uma viagem a Europa. Em 1880, ainda era dono de 100 escravos nos municípios de Codó e Cururupu, provavelmente trazidos à sociedade conjugal por sua esposa, duas décadas atrás. Sousândrade tentou, sem sucesso, ser compensado pela manumissão destes escravos com o fundo de emancipação criado pelo governo imperial. Em 1886 e 1887 a imprensa maranhense publicou várias notícias referentes a escravos sexagenários de Joaquim de Souza Andrade.¹⁰¹ Os escravos remanescentes de Sousândrade e sua esposa provavelmente só ficaram livres com a promulgação da Lei Áurea. Um ano depois, celebrando a proclamação da República, Sousândrade e sua esposa doaram as terras que possuíam em Cururupu e Codó aos seus ex-escravos,¹⁰² mas aparentemente não lavraram a documentação correspondente. Isto teria permitido à sua filha Maria Bárbara afirmar seus direitos sobre estas terras três décadas mais tarde.

Valentina Souza Andrade era filha de Sousândrade, como aparece na certidão de óbito, possivelmente com uma escrava da Fazenda Vitória, no Pericumã. Acompanhou o poeta e sua filha Maria Bárbara em viagens internacionais, mas ficou relegada à posição de criada ou aia de sua irmã Maria Bárbara. É difícil definir se Sousândrade considerava Valentina mais como criada do que como filha, mas não há dúvida que considerá-la como aia de Maria Bárbara proporcionou-lhe uma desculpa socialmente aceitável para expor ambas as filhas a outras culturas e a uma educação superior à oferecida comumente a meninas no Maranhão. De qualquer forma, é necessário ressaltar o carinho de Sousândrade por Valentina numa época que a assunção de uma paternidade ilegítima não era fato

¹⁰¹ *Escravos libertos pela lei n. 3.270 de 1885, dita dos Sexagenários*: “Viríssimo, preto de 66 annos – de Joaquim de Souza” Andrade (O Paiz, 24-fev-1886, p. 2 c.6); “Acham-se detidos no quartel de São João à requisição dos respectivos senhores os escravos ... Alexandre de Joaquim de Souza Andrade” (O Paiz, 21-mai-1887, p. 3 c.4-5)

¹⁰² Williams, Frederick G., *Sousândrade: Vida e Obra*. São Luís (MA): Edições SIOGE, 1976, p. 47 “[1889] Novembro, 21. *O Globo* dessa data, p. 2, noticia a decisão de Sousândrade sua esposa de partilharem entre seus ex-escravos as terras que possuíam em Codó e Cururupu.”

corriqueiro. O destaque que Vanna conseguiu como co-diretora do *Collegio de Industria* em São Luís, também atesta sua aceitação na sociedade local, pelo menos parcialmente.¹⁰³

A decisão de Sousândrade de levar suas filhas a conhecerem outras sociedades também mostra a importância dada por Sousândrade à educação da mulher. Numa carta dirigida às redatoras do jornal *A Mulher*, editado em Nova Iorque, ele escreveu:

Portanto á sociedade moderna não é bastante o perfeito coração maternal, e só a mulher scientifica será a mulher emancipada; somente as sciencias lhe poderão preservar esse coração glorioso n'aquella esphera de belleza moral, especie de calma divina, a qual crea-lhe a felicidade forte da consciencia e é a bemaventurança da familia.¹⁰⁴

Ironicamente esta atitude *emancipada* pode ter incentivado Maria Bárbara, sua mãe e Valentina a deixar a segurança de São Luís para tentar a sorte em Santos, longe de família e amigos.

Recebido em 01/05/2014
Aprovado em 20/06/2014

¹⁰³ A Sociedade Carnavalesca Mephistopheles de São Luís publicou uma lista “das exmas. Sras. consideradas sócias honorárias”, incluindo mais de 300 nomes de damas da sociedade maranhense. Maria Bárbara de Souza Andrade aparece na lista, mas não Valentina. [Ver Pacotilha(São Luís), 13(44,46,48,49,50), 21, 23, 25, 27 e 28 de fevereiro de 1893].

¹⁰⁴ *Album do Journal* [sic] brasileiro *A Mulher*. Correspondência dos Estados Unidos (Nova Iorque), 14 de março de 1881. Cópia fornecida por d. Ivonne Costa Pinho.